

“Mulher vota em mulher, sim”: uma análise discursivo-crítica da entrevista de Flávia Alves (Solidariedade) ao *podcast* “Abrindo o Verbo”

“Women do vote for women”: a critical-discursive analysis of Flávia Alves’s (Solidariedade) interview on the *podcast* “Abrindo o Verbo”

Ramon de Almeida Miranda¹
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
ramonmirandalm@outlook.com

Ana Maria Sá Martins²
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
anamariasapericuma@gmail.com

RESUMO: A linguagem, para além de um mecanismo que transmite informações, também é um instrumento de disputa simbólica, definindo representações e identidades, reforçando hierarquias e legitimando estruturas de poder. Sendo assim, este artigo visa investigar as representações discursivas acionadas na construção de sentido do gênero oral-discursivo *podcast*, pretendendo contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor. Como *corpus*, tem-se a entrevista de Flávia Alves (Solidariedade) para o *podcast* “Abrindo o Verbo” durante o período de eleições para Prefeito(a) em São Luís, Maranhão, em 2024. A base teórica principal é a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), ciência de cunho teórico-metodológico desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough (2001, 2003). Dentre os princípios da ADC, focamos nosso olhar nos aspectos pertinentes aos significados acional, representacional e identificacional. Os resultados indicam que o discurso de Flávia Alves constrói uma identidade política feminina ancorada na resistência, na coletividade e na contestação de dispositivos de gênero historicamente naturalizados na política partidária. Este trabalho, em síntese, parte da defesa de uma leitura discursivo-crítica dos textos da mídia digital, almejando a emancipação do cidadão-leitor.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. *Podcast*. Abrindo o Verbo. Representação feminina.

ABSTRACT: Language, beyond being a mechanism for conveying information, is also an instrument of symbolic struggle, defining representations and identities, reinforcing hierarchies, and legitimizing power structures. Accordingly, this article aims to investigate the discursive representations mobilized in the construction of meaning within the oral-discursive genre of the *podcast*, seeking to contribute to

¹ Graduando em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista PIBIC/FAPEMA com experiência em pesquisas nas áreas de Análise de Discurso Crítica (ADC) e Gramática do Design Visual (GDV). É membro do Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP/UEMA).

² É doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora Adjunta do Departamento de Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e professora na Rede Municipal de São Luís, na UEB Santa Clara. Tem interesse em pesquisas nas áreas de Educação, com ênfase em Linguística, Língua e Literatura. É membro do Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP/UEMA) e do Grupo de Pesquisa NECriL-UFPI.

the development of a critical stance by the reader/listener. The *corpus* analyzed is the interview with Flávia Alves (Solidariedade) for the podcast “Abrindo o Verbo”, conducted during the 2024 mayoral election campaign in São Luís, Maranhão. The main theoretical framework is Critical Discourse Analysis (hereafter CDA), a theoretical-methodological approach developed by British linguist Norman Fairclough (2001, 2003). Among the principles of CDA, this study focuses on aspects related to actional, representational, and identificational meanings. The results indicate that Flávia Alves’ discourse constructs a female political identity grounded in resistance, collectivity, and the contestation of gender dispositifs historically naturalized within party politics. In summary, this work advocates for a critical-discursive reading of digital media texts, aiming to promote the emancipation of the citizen-reader.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Podcast. Abrindo o Verbo. Female representation.

Considerações iniciais

O texto verbal enquanto prática social tornou-se indispensável no cotidiano dos cidadãos. Esse tipo de comunicação toma forma, a princípio, por meio da oralidade e, então, revoluciona a maneira que a humanidade pensa, manifesta suas ideias e representa o mundo. Conforme Walter Ong (1998), a oralidade foi a primeira tecnologia de linguagem da humanidade, marcada pela presença, interação e pela construção de significado por meio do diálogo. Marcuschi (2007), por sua vez, argumenta que os textos orais possuem caráter dinâmico, efêmero e fortemente contextual, sendo estruturados em interação direta entre os participantes. Desse modo, a oralidade transcende sua manifestação cara a cara, haja vista que se insere em práticas sociais que se transformam ao longo do tempo, acompanhando o desenvolvimento de tecnologias e meios de comunicação.

Nesse contexto, os gêneros textuais evoluíram e se adaptaram para atender às demandas da sociedade pós-moderna. O *podcast*, por exemplo, surge como um gênero discursivo que combina elementos da oralidade e da multimodalidade digital, e ganha ênfase como uma mídia popular da cibercultura. Segundo Pablo de Assis (2011), o termo *podcast* foi criado originalmente pelo locutor e jornalista britânico Ben Hammersley, em fevereiro de 2004, no jornal *The Guardian* com o texto “Audible Revolution”. A expressão deriva da junção de *iPod* (em alusão ao dispositivo da Apple) e *broadcast* (transmissão), referindo-se a conteúdos de áudio distribuídos por meio de plataformas digitais, como Apple Podcasts, Spotify, SoundCloud e até mesmo o YouTube, o qual, geralmente, apresenta áudio e vídeo.

No Brasil, o *podcast* é um fenômeno de consumo digital sonoro. Desde o início da pandemia de COVID-19, o consumo dessa mídia cresceu exponencialmente. Segundo dados da Podpesquisa (Luiza, 2024), o Brasil é o segundo país que mais consome *podcasts*, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Entre 2020 e 2023, o número de ouvintes brasileiros cresceu mais de 100% e atingiu a marca de 50 milhões. Esse crescimento significativo é representado pelo maior acesso à internet, aos *smartphones* e às plataformas de *streaming*.

Embora esse gênero discursivo apresente um teor interativo e democrático da informação, também está vinculado a dinâmicas de poder e hegemonia, considerando que a produção de conteúdos de qualidade depende de infraestrutura e recursos, comumente custeados por patrocinadores. Hoje, o *podcast* alcança o *status* de meio de cultura massivo, movimentando discussões polêmicas e estrutura a normalização do consumo, podendo servir dos mais variados tipos de controle social. Tendo isso em vista, torna-se imprescindível

compreender essa mídia cibercultural e de que forma as significações produzidas pelo *podcast* implicam nas práticas sociais do sujeito-leitor.

Logo, este artigo visa investigar as representações discursivas acionadas na entrevista de Flávia Alves (Solidariedade) ao *podcast* “Abrindo o Verbo”, visando a contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor. Além disso, partimos da hipótese de que, ao se posicionar discursivamente no *podcast*, Alves constrói uma identidade política feminina marcada pela resistência aos dispositivos de gênero e pela valorização do coletivo, tensionando representações hegemônicas da política partidária no imaginário social. Posto isso, as análises buscam revelar de que forma tais práticas discursivas contribuem para desnaturalizar hierarquias simbólicas e/ou ampliar as possibilidades de representação da mulher na esfera política.

Para fundamentar a investigação discursivo-crítica deste trabalho, adotamos o viés teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC) desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough (2001, 2003). Essa abordagem congrega os estudos da prática e da organização textual e discursiva com enfoque social, tornando-se imprescindível para a investigação discursivo-crítica do *podcast*.

Importa ressaltar que o presente artigo é fruto do projeto de pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq (cota 2024-2025) intitulado “Podcasts jornalísticos em ambiente digital: uma análise discursivo-crítica”. Nesse viés, trouxemos um recorte de análise referente ao plano de trabalho denominado “Abrindo o Verbo – Podcast: uma visão discursivo-crítica”, com o propósito de contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor e, quiçá, para o ensino de Língua Portuguesa no contexto educacional básico.

Com vistas à clareza estrutural, dividimos o artigo em cinco seções. Após as considerações iniciais, apresentamos o arcabouço teórico, o qual norteia esta pesquisa, trazendo noções acerca dos conceitos analíticos da ADC. Na seção seguinte, explicamos a metodologia adotada. Na quarta seção, apresentamos a investigação discursivo-crítica em ADC. Nas considerações finais, última seção, tecemos um panorama geral deste estudo mediante os resultados obtidos.

Fundamentação teórica: tecendo um panorama sobre a Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem interdisciplinar que surge em 1979, com a publicação do livro *Language and Control*, de Fowler, Kress, Hodge e Trew,

precursores da Linguística Crítica (LC). No entanto, é somente em um simpósio em Amsterdã, ocorrido em janeiro de 1991, que a ADC se firma como uma rede internacional de estudos que prima pela explanação e reflexão dos fenômenos sociais (Batista Jr. et al., 2018). Por isso dizemos que a ADC tem como característica determinante sua postura emancipatória (Martins, 2009).

Torna-se importante destacar que as categorias de investigação em ADC estão sustentadas linguisticamente no paradigma funcionalista da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday (1985), ao considerar a linguagem como um sistema aberto a mudanças orientadas pelo seu meio social (Chouliaraki; Fairclough, 1999). À vista disso, Fairclough (2001, 2003) recontextualiza as macrofunções da LSF – ideacional, interpessoal e textual – e amplia o diálogo teórico entre as abordagens com o intuito de refletir de forma mais ampliada sobre as relações de poder, reprodução e mudança social.

A partir desse diálogo mais aprofundado entre as teorias, a ADC apresenta como resultado a categorização de três tipos de significado, os quais agem concomitantemente em todo enunciado: a) o *significado acional*, o qual “focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais”; b) o *significado representacional*, que destaca a “representação de aspectos do mundo” nos textos; c) o *significado identificacional*, o qual se refere à (re)construção de identidades no discurso (Resende; Ramalho, 2006, p. 60).

Para este trabalho, utilizamos determinadas categorias que estão presentes nos significados da ADC. No que tange ao significado acional, demos ênfase para a categoria *intertextualidade*. Nesse sentido, acentuamos que a intertextualidade é complexa e potencialmente fértil, levando em conta a dialogicidade dada em cada texto, ou seja, a articulação de vozes de quem pronuncia o enunciado e as demais vozes articuladas direta ou indiretamente, e que Fairclough (2003) considera como a presença de elementos atualizados de outro texto em um texto (a citação). Ademais, a partir da intertextualidade é possível investigar as vozes incluídas ou excluídas nos textos, ora relacionadas de forma harmônica, cooperativa, ou tensa, e também é possível refletir sobre “o que não é dito, mas tomado como dado” (Fairclough, 2003, p. 40) ao considerar a pressuposição.

No que diz respeito ao significado representacional, o qual é relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo, trabalhamos a partir das contribuições da *interdiscursividade* e da *representação de atores sociais*. Para Resende e Ramalho (2006), os diferentes discursos não apenas representam o mundo “concreto”, mas também projetam possibilidades diferentes da “realidade”, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança do mundo. Sendo assim, um mesmo texto pode envolver diferentes discursos, e a

articulação do mesmo pode realizar-se de diferentes maneiras e ainda nos revelar relações de poder, de lutas sociais e de hegemonia, condicionando, em um contexto de competição, um discurso “protagonista” e um discurso “antagonista”.

O significado representacional também pode ser acessado a partir da representação de atores sociais, levando em conta que a maneira como esses atores são representados nos textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades. Nesse panorama, destacamos quatro realizações linguísticas que encobrem efeitos de sentido ideológicos com relação aos atores sociais, seguindo os pressupostos de Van Leeuwen (1997):

a) *nomeação*: os nomes próprios dos atores sociais são citados (“Flávia Alves” e não “candidata a prefeita de São Luís”);

b) *categorização*: ocorre quando os atores são referidos em termos de uma atividade ou função (*funcionalização* – “Presidente do Solidariedade”) ou quando são representados por sexo, idade, classe social, religião etc. (*identificação* – “mulher nordestina”);

c) *agregação*: ocorre a quantificação dos atores sociais com dados estatísticos (“80% dos brasileiros”);

d) *coletivização*: aqui os atores são representados por meio da pluralidade (“as mulheres”).

Por último, no que concerne ao significado identificacional, destacamos na análise do *podcast* o comprometimento do falante com suas proposições frente às categorias *modalidade* e *avaliação*. Para Fairclough (2003), a modalidade pode ser entendida como a questão de quanto os indivíduos comprometem-se quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas. Deste modo, as afirmações e perguntas encontram-se no campo da troca de conhecimento (*modalidade epistêmica*) e as demandas e ofertas encontram-se no campo da troca de atividade (*modalidade deôntica*).

A avaliação, por sua vez, articula-se nos textos por intermédio de *afirmações avaliativas* (que apresentam juízo de valor); de *afirmações com verbos de processo mental afetivo* (tais como “eu *detesto* isso” e “eu *adoro* isso”) e de *presunções valorativas* (engatilhadas por marcadores “não ditos”). Para melhor visualização das categorias de análise em ADC utilizadas neste estudo, trouxemos o quadro síntese a seguir:

Quadro 1 - Categorias analíticas da ADC de Fairclough (2003)

Significado Acional (ação)	Significado Representacional (discurso)	Significado Identificacional (estilo)
Intertextualidade	Interdiscursividade e Representação de atores sociais	Modalidade e Avaliação

Fonte: Adaptado de Resende e Ramalho (2006).

Apesar da distinção dos três aspectos, é importante ressaltar que a análise do discurso deve ser simultânea à realização dos três significados, visto que a análise discursiva leva em consideração o texto em si e seu contexto social. A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste artigo.

Procedimentos metodológicos

O presente artigo é de base qualitativa e interpretativista, uma vez que examina “a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem” (Magalhães et al., 2017, p. 30). Nesse viés, partimos da investigação das representações discursivas acionadas no *Podcast Abrindo O Verbo*, um veículo de comunicação atrelado ao jornal *O Estado do Maranhão* e transmitido de forma simultânea pela Rádio Mirante News FM (104,1) e pelo canal de YouTube do Sistema Mirante (@mirantenewsfm) de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h. Nesse sentido, compreendemos que lançar um olhar discursivo-crítico sobre as representações de mundo nas tessituras contemporâneas é como lançar ferramentas para que o cidadão-analista possa ler e se posicionar criticamente frente às formas culturais, imagens, narrativas e aos gêneros dominantes (Kellner, 2001).

Levando isso em consideração, utilizamos o arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2001, 2003) no que tange aos aspectos que compõem a prática e a organização textual do gênero oral-discursivo *podcast*. Para operacionalizar as análises desta pesquisa a partir da ADC, investigamos os significados *acional*, *representacional* e *identificacional* articulados em um episódio de *podcast*, os quais fazem parte das categorias de análise: *intertextualidade*, *interdiscursividade* e *representação de atores sociais*, *modalidade* e *avaliação*, respectivamente.

Por se tratar de uma entrevista de uma hora, consideramos os 6 trechos mais relevantes do episódio nomeado “Abrindo O Verbo entrevista Flávia Alves (Solidariedade)”, almejando uma análise proveitosa. Essa estratégia é postulada por Mary Jane Spink (1995), cuja orientação é realizar a transcrição das entrevistas e, logo depois, elencar os temas principais de modo filtrado.

É fundamental pontuar que o episódio de Flávia Alves foi publicado no período das eleições de 2024 para Prefeito(a) de São Luís (MA). O Grupo Mirante definiu previamente o calendário de entrevistas dos 8 prefeituráveis, sendo eles: Duarte Júnior (PSB), Eduardo Braide (PSD), Fábio Câmara (PDT), Flávia Alves (Solidariedade), Franklin Douglas (PSOL), Saulo Arcangeli (PSTU), Wellington do Curso (Novo) e Yglésio Moisés (PRTB). As entrevistas com os candidatos foram transmitidas pelos veículos ligados ao referido grupo jornalístico de informação, tais como o G1 MA, Mirante FM, Mirante News e TV Mirante (G1, 2024).

No mais, a ordem de cada entrevista, com horários, dias e veículo de transmissão, foi definida por sorteio. Flávia Alves (Solidariedade) foi a quarta entrevistada no *Podcast Abrindo o Verbo*. Durante a programação geral, que ocorreu entre os dias 9 de agosto e 18 de setembro, das 14h30 às 15h30, os candidatos deviam apresentar suas principais propostas para a prefeitura.

Dessa maneira, buscamos identificar a materialização de discursos, ideologias e lutas hegemônicas relacionados à temática *político-social*, a qual atravessa questões envolvendo a representação da mulher na política. Logo, é necessário refletir, acima de tudo, sobre os sentidos e as representações sociais intrínsecas na entrevista de Flávia Alves ao *podcast Abrindo o Verbo* e de que forma Alves constrói uma identidade política feminina marcada pela resistência aos dispositivos de gênero. Vale ressaltar, ainda, que os trechos coletados do *podcast* foram analisados sob a perspectiva da teoria ADC de acordo com as *duas categorias* que cada excerto melhor se adequou.

Essa delimitação metodológica é respaldada no foco e profundidade analítica, e na adequação ao objetivo da pesquisa. Nesse prisma, compreendemos que, ao selecionar duas categorias para cada fragmento, o rigor investigativo das representações discursivas inculcadas no gênero discursivo *podcast* jornalístico será mais coerente, dado que esse mapeamento possibilita averiguar a relação dialética sociedade-linguagem e os problemas sociais de forma pormenorizada. Logo a seguir apresentamos a análise discursivo-crítica do objeto de investigação deste artigo.

Abrindo O Verbo entrevista Flávia Alves (Solidariedade): análise discursivo-crítica

O episódio de *podcast* analisado recebe título de “Eleições 2024: Abrindo o Verbo entrevista Flávia Alves (Solidariedade)³”, foi publicado em 4 de setembro de 2024 no canal de YouTube do *podcast* radiofônico *Abrindo O Verbo*, o qual pertence ao veículo jornalístico Mirante News FM (104,1), e teve como apresentadores os jornalistas Juraci Filho, Alessandra Rodrigues e Wallace Brito.

Além de privilegiar o viés temático *político-social*, que perpassa pela esfera de valores que envolve a *representação da mulher na política*, este episódio também compõe a leva de entrevistas com os candidatos à Prefeitura de São Luís referente ao ano de 2024. Por ordem de sorteio, a candidata Flávia Alves (Solidariedade) foi a terceira entrevistada no canal de comunicação *Abrindo O Verbo*, tendo uma hora para discorrer sobre as questões públicas da cidade, como saúde, educação, emprego, mobilidade urbana e cultura, e de que forma suas propostas promoveriam mudanças na capital.

No primeiro momento, destacamos que a candidata ao pleito, Flávia Alves, é advogada e pedagoga natural de São Luís (MA), tem especialização em Direito Ambiental e Constitucional, mestrado em Desenvolvimento Regional, além de ser doutoranda em Desenvolvimento em Meio Ambiente. Alves cumpriu função no Conselho Nacional de Meio Ambiente e foi assessora de planejamento ambiental e urbano, e também é, atualmente, presidente estadual e municipal do partido político *Solidariedade* no Maranhão (Solidariedade, 2021). Tendo isso em vista, selecionamos, para investigação, os trechos a seguir, sendo demarcados por tempo e enunciador:

(1) 1m55s (**Flávia Alves**): Eu quero ser prefeita de São Luís pra promover mudanças de verdade na cidade. Enfrentar os problemas históricos, principalmente, é... a saúde, a estrutura da saúde pública de São Luís que, infelizmente, não atende com humanidade, com rapidez o povo de São Luís. Enfrentar o problema da falta de vagas ainda na educação fundamental e infantil. O problema da mobilidade urbana. Então, é enfrentar os problemas históricos. É fazer com que as pessoas de São Luís tenham oportunidades iguais. Filhos de ricos e pobres possam alcançar os serviços públicos com qualidade em São Luís.

(2) 15m37s (**Flávia Alves**): As famílias de São Luís, elas não resistem absolutamente à questão da igualdade de gênero que as pessoas muitas vezes confundem com as opções, as orientações sexuais. A igualdade de gênero, a gente tá falando das pessoas serem respeitadas como homens e como mulheres. A gente tá falando das pessoas terem as mesmas oportunidades. De mulher e homem jogar futebol. As questões de orientação sexual, elas estão muito mais internas aos ambientes familiares. Então, a gente precisa sim. E a minha presença nesse processo democrático, nesse processo de campanha é uma questão de gênero, é uma participação. A única

³ Para assistir a entrevista completa de Flávia Alves no podcast “Abrindo o Verbo”, acesse: <https://youtu.be/8XkaHfgz1zo?si=anoC13JSckKqj3na>. Acesso em: 25 nov. 2024.

mulher que está participando desse processo. Eu tô resistindo às questões de gênero, porque senão só teriam homens.

(3) 16m31s (**Flávia Alves**): Eu te diria que eu não encontrei [resistência] dentro do meu partido. Na verdade, eu encontrei um grande estímulo a participar, mas o processo político... chegar aonde eu estou hoje também passa, por exemplo, por eu ser presidente do Solidariedade. Eu não te diria que eu tenho certeza que eu seria candidata hoje se eu tivesse num partido em que uma mulher não é a presidente.

(4) 17m29s (**Flávia Alves**): Então, eu te diria que a cota de gênero já é um instrumento, mas ainda é algo que é muito... andamos em passos muito lentos. Sabe quantas mulheres é... prefeitas de capitais nós temos no Brasil? Uma. Prefeitas de capital. Sabe quantas governadoras? Duas. Deputadas Federais do Maranhão... na última gestão não tinha nenhuma. Somente nessa eleição agora que foram eleitas algumas deputadas federais. 18% só do Parlamento Federal é feito, é composto por mulheres. Então, eu não te diria que é uma balela, mas é um processo que tá só começando. Estar aqui hoje, abrindo portas, mostrando o que é possível, é uma das minhas missões.

(5) 33m28s (**Flávia Alves**): [...] Mulher não vota em mulher porque mulher vota há muito pouco tempo. Porque mulher tá livre pra escolher os seus candidatos há muito pouco tempo. Porque muitas mulheres não têm sequer independência financeira pra não sofrer violência. Imagina escolher o seu candidato, seu gestor. Então, é uma construção histórica. A gente chegou nesse espaço da sociedade é... marginalizada. A gente é uma maioria em quantidade que vive como minoria [...]. [...] Então, ainda existe aquele voto que é mais patriarcal, que é aquele voto da mulher que entende que se ela não votar da forma como se votava antes, a vida dela vai ser pior do que já está. Mas é um processo que a gente vem derrubando todo dia um obstáculo. A corrida pra mulher, ela é uma corrida com obstáculos. E essa corrida a gente vai tirando esses obstáculos com a minha presença nesse processo, com grandes mulheres aí representando no mundo o papel da mulher na política. Então, mulher vota em mulher, sim. [...] A gente só precisa mudar cada dia mais a forma, a autoestima da mulher e a liberdade da mulher. Não só pra ela votar bem, mas principalmente pra ela ter liberdade na sua vida em geral.

(6) 59m19s (**Flávia Alves**): [...] Não vou cansar de dizer que ser a única mulher não é simplesmente um discurso, é uma missão. Eu estarei nele reverberando vozes. Eu digo que a dor que eu sinto é a dor de uma mulher. Eu sou sensível à dor de um homem, mas a que eu conheço de ser mãe, de parir, de ter pós-parto, de voltar pro trabalho, de saber que agora mesmo meu filho tá esperando uma consulta porque tá com a garganta inflamada... essa dor eu sei sentir e ela eu vou levar para cuidar das pessoas de São Luís.⁴

Assim como foi anteriormente frisado na metodologia desta pesquisa, buscamos, como ponto de partida, analisar cada um dos seis fragmentos coletados com base em duas categorias de investigação da Análise de Discurso Crítica (ADC), a saber: intertextualidade (significado acional), interdiscursividade e representação de atores sociais (significado representacional), e modalidade e avaliação (significado identificacional). Essa estratégia torna-se interessante para este estudo, pois as reflexões suscitadas, quando minuciosas, têm potencial ainda maior de promover mudanças nas relações assimétricas de poder.

⁴ Fonte: *Podcast Abrindo O Verbo*, 4 de setembro de 2024.

Dito isso, a entrevista da candidata Flávia Alves para o *Abrindo O Verbo* foi organizada da seguinte forma: para o trecho (1) destacamos as categorias *intertextualidade* e *interdiscursividade*; no excerto (2) elencamos a *interdiscursividade* e a *modalidade*; o fragmento posterior (3) compreende as categorias *intertextualidade* e *representação de atores sociais*; *intertextualidade* e *avaliação* são utilizadas em (4); já em (5) optamos pela *interdiscursividade* e *representação de atores sociais*; o excerto (6) é relacionado às categorias *modalidade* e *avaliação*.

Ao considerarmos primeiramente a categoria *intertextualidade* no discurso de Flávia Alves, torna-se evidente a presença de um leque de textos e vozes presentes e ausentes. Para Bakhtin (2003), todo enunciado carrega ecos de outros enunciados, sendo moldado pela esfera comunicativa em que está inserido. Nesse sentido, o discurso da candidata articula-se com outros discursos e práticas sociais, contribuindo para a construção de significados e relações de poder.

No trecho (1), observamos que Flávia Alves utiliza-se da citação direta ao afirmar: “*Eu quero ser prefeita de São Luís pra promover mudanças de verdade na cidade. Enfrentar os problemas históricos, principalmente, é... a saúde, a estrutura da saúde pública de São Luís que, infelizmente, não atende com humanidade, com rapidez o povo de São Luís [...]*”. A utilização do discurso direto cria uma identidade de fala da enunciadora, a qual atribui autenticidade ao que é dito, enquanto estabelece pontes entre o que a mesma representa e as demandas dos eleitores.

Para Fairclough (2001, 2003), as negações também suscitam uma asserção em “outro texto” e por isso são marcas da intertextualidade. Nesse panorama, podemos notar que a marca do advérbio de negação “**não**”, na passagem “*que, infelizmente, não atende com humanidade*”, aponta para discursos subjacentes que afirmam a ineficiência e o sucateamento dos serviços públicos. Essa negação carrega, implicitamente, outras vozes, como as críticas de cidadãos, as demandas históricas por direitos básicos e as promessas de administrações anteriores que foram propostas, mas não concretizadas. Assim, observa-se que a voz de Flávia Alves se relaciona de forma harmônica com a voz dos cidadãos insatisfeitos com a gestão atual e ainda denuncia o problema estrutural de São Luís no que concerne, sobretudo, à saúde, educação e mobilidade urbana.

A ADC faircloughiana é uma abordagem transdisciplinar que permite plenamente o diálogo com outras abordagens e teóricos. Tendo isso em vista, nos moldes intertextuais,

elencamos o conceito de *ethos*⁵ discutido por Charaudeau (2013) e Ferreira (2010), para entendermos como o enunciador constrói sua imagem no texto. No caso de Flávia Alves, seu *ethos* é moldado pela apropriação de vozes que sugerem empatia e compromisso com mudanças. Isso fica evidente quando a candidata assevera, no final do recorte (1): “*E fazer com que as pessoas de São Luís tenham oportunidades iguais. Filhos de ricos e pobres possam alcançar os serviços públicos com qualidade em São Luís*”.

Ao trazer essa concepção para seu enunciado, a candidata ecoa debates sociais sobre justiça distributiva e equidade, por exemplo, e ainda reforça certo apelo ao eleitorado. Sendo assim, notamos neste fragmento que a prática discursiva da interlocutora ocupa um espaço de contestação do panorama sociopolítico da cidade ao passo que tenta conquistar o voto do eleitor, o que caracteriza o jogo político.

Identificar os diferentes discursos presentes no texto colabora para observar as lutas de poder no espaço discursivo das representações e para analisar questões ideológicas que, porventura, estejam envolvidas (Bessa, 2007). Nesse viés, ao analisarmos o excerto (1) em termos de *interdiscursividade*, percebemos que a candidata Flávia Alves articula diferentes discursos, os quais se coadunam para construir uma mensagem política com forte apelo social. São eles: (I) o *discurso de cidadania e justiça social*, e (II) o *discurso de gestão pública* em decorrência das seguintes escolhas lexicais:

(I) “[...] fazer com que as pessoas de São Luís tenham oportunidades iguais” e “filhos de ricos e pobres possam alcançar os serviços públicos com qualidade”;

(II) “saúde pública”, “falta de vagas na educação fundamental e infantil” e “problema da mobilidade urbana”.

O *discurso de cidadania e justiça social* conecta-se ao discurso de equidade social, recorrentemente legitimados em contextos democráticos, ao passo que recontextualiza debates sobre desigualdade e exclusão, típicos da esfera pública contemporânea. A locutora, então, utiliza desse discurso para garantir a inclusão social e a redistribuição de recursos públicos para combater desigualdades históricas e, assim, viabilizar uma cidade, no caso, São Luís, mais isonômica. Essa estratégia discursiva (re)estrutura a noção de pertencimento e igualdade, almejando um vínculo entre os cidadãos-eleitores.

⁵ *Ethos*, conforme Charaudeau (2013) e Ferreira (2010), refere-se à imagem de si que o enunciador constrói no discurso para obter credibilidade e influenciar o interlocutor. Esse processo ocorre por meio de estratégias discursivas que revelam valores, intenções e posições sociais, buscando estabelecer, assim, uma relação de confiança e persuasão com o público.

Já o *discurso de gestão pública* atribui à administração municipal a responsabilidade pela provisão de serviços básicos, o que, por sua vez, corrobora na representação de Flávia Alves como uma gestora preocupada com questões estruturais da cidade. A enunciadora também marca que existem disparidades sociais e econômicas em São Luís e aponta para possíveis mudanças nos problemas históricos da cidade, caso seja eleita prefeita.

No recorte (2), destacamos o *discurso de igualdade de gênero* e o *discurso de resistência*. O primeiro é explicitado quando a candidata pontua suas considerações acerca da igualdade de gênero: “*A igualdade de gênero, a gente tá falando das pessoas serem respeitadas como homens e como mulheres*”. Esse discurso enfatiza respeito e equidade, e ainda é reforçado pelo sintagma nominal “as mesmas oportunidades”. Compreendemos que o objetivo de Flávia Alves aqui é evidenciar a igualdade entre homens e mulheres como uma prerrogativa básica para o exercício da cidadania e, logo, da liberdade.

Em paralelo, observamos que o *discurso de resistência*, o qual dialoga com o discurso feminista, é articulado de forma enfática quando Alves faz a seguinte afirmação: “*Eu tô resistindo às questões de gênero, porque senão só teriam homens*”. Tal discurso colabora para construir um *ethos* de enfrentamento mediante as barreiras históricas e socioideológicas do machismo no ambiente político. Nessa representação de mundo através do discurso, a identidade da mulher não é cerceada pelos valores dos homens e sua relação de interesse com a política não é secundarizada.

O discurso de resistência estabelece uma relação de competição com um discurso implícito: o discurso patriarcal. Este normaliza o privilégio social masculino, endossa a desigualdade de gênero e legitima a sub-representação feminina em espaços de prestígio e poder. Essa tensão discursiva indica que as raízes do patriarcado tentam atrasar o processo de emancipação feminina. No entanto, ressaltamos que Flávia Alves busca subverter o sistema patriarcal, pois, vale lembrar, ela está “resistindo” para ocupar um espaço que deveria ser, em tese, mais democrático e igualitário.

Fairclough (2003) acentua que o processo de envolvimento das pessoas com aquilo que elas dizem é um traço do que elas são. Posto isso, as escolhas lexicais e as verbalizações, além de identificar o falante textualmente, também revela o comportamento do enunciador com suas proposições. Levando isso em conta, em termos de *modalidade*, o fragmento (2) opera uma troca de conhecimento (modalidade do tipo *epistêmica*) e troca de atividade (modalidade do tipo *deôntica*). Além disso, é notório como a enunciadora explicita a base subjetiva de seu comprometimento, isto é, marca sua perspectiva particular no texto, utilizando os pronomes “eu”, “minha” e “a gente” (locução empregada coloquialmente em substituição ao pronome

“nós”). Isso faz com que suas proposições sejam tomadas como verdadeiras, já que a enunciadora no texto tende à pessoalidade durante a entrevista ao *Abrindo O Verbo*.

A priori, observamos trocas de conhecimento com marcações de modalidade *epistêmica* quando Flávia Alves realiza uma afirmação categórica logo no início do excerto (“*As famílias de São Luís, elas não resistem absolutamente à questão da igualdade de gênero [...]*”). Aqui, Alves emprega uma alta afinidade com a proposição, sugerindo uma certeza sobre a aceitação do conceito de “igualdade de gênero” pelas famílias locais. Isso atua para consolidar a ideia de que há certa aceitação em relação à referida pauta e ainda legítima que a candidata defende a temática. De acordo Flávia, a resistência de aceitação da igualdade de gênero existe quando esta é confundida com a concepção de orientação sexual. Ambas as discussões se caracterizam de formas distintas, mas não anulam uma à outra.

A troca de atividade acontece, por seu turno, em “*Então, a gente precisa sim [discutir sobre a igualdade de gênero]*”, configurando uma modalidade *deôntica*. Flávia Alves utiliza o verbo “precisar” na 3ª pessoa do singular (“precisa”), o que denota uma necessidade imperativa. Ou seja, faz-se urgente a implementação de políticas públicas e ações estatais que debatam e promovam a igualdade de gênero no contexto democrático. O uso desse tipo de modalidade indica justamente uma demanda que, no contexto da entrevista, busca dialogar na perspectiva de justiça social.

No mais, torna-se importante ressaltar que as afirmações de Flávia Alves fazem parte do bojo da modalidade *categórica* e *subjativa*, uma vez que o grau de afinidade com a proposição é explicitado. Isso é verificado, sobretudo, no momento em que Alvez diz: “*Eu tô resistindo às questões de gênero, porque senão só teriam homens*”. A entrevistada se posiciona discursivamente ao empregar o pronome pessoal “eu”, construindo assertivamente sua identidade e sua posição singular como mulher no processo político. Deste modo, tal modalização legitima sua presença em um espaço historicamente masculino e ainda reforça seu *ethos* como defensora da igualdade de gênero.

No excerto (3), partindo da *intertextualidade*, percebemos que o operador argumentativo “mas”, em “*mas o processo político [...] também passa [...] por eu ser presidente do Solidariedade*”, marca uma denúncia acerca da presença da mulher no âmbito político. Caso Flávia Alves não liderasse seu próprio partido político (nas vertentes municipal e estadual), as chances de se candidatar ao cargo de prefeita de São Luís seriam tímidas. Por isso, a voz de liderança feminina evocada pela enunciadora evidencia que a hierarquia de gênero configura um forte impeditivo no avanço das lideranças femininas.

No que tange à categoria analítica *representação de atores sociais*, é importante acentuar que as formas como os sujeitos são representados em textos discursivos podem sinalizar posicionamentos ideológicos, seja pela escolha de incluir, excluir ou destacar determinados atores e suas atividades. Ao partirmos para a análise do fragmento (3), frisamos que a figura de Flávia Alves é incluída no texto de forma individualizada, já que é um discurso proferido por ela mesma, isto é, carregado de subjetividade (“*Eu te diria que eu não encontrei [resistência] dentro do meu partido [...]*”).

Em (3), Flávia Alves é representada por *categorização*, levando em conta as realizações linguísticas “presidente do Solidariedade”, “candidata” e “uma mulher”. As duas primeiras escolhas representacionais fazem referência à atividade a que Alves está ligada. Como ator social proeminente, e considerando o papel da mulher na política, notamos que essa representação de Flávia tem potencial para amadurecer uma consciência feminista e emancipadora em outras mulheres que, talvez, precisassem apenas enxergar uma outra mulher alçando voos historicamente negligenciados.

A representação da candidata também é articulada pela *identificação*, dado que a mesma é referida como “uma mulher”. Essa estratégia de identificação demonstra que a participação feminina na política partidária sinaliza positivamente para mudanças sociais e socioculturais. Além disso, as três ocorrências linguísticas registradas no discurso para representar Flávia (“presidente do Solidariedade”, “candidata” e “uma mulher”) legitima o protagonismo feminino e a luta pela igualdade de gênero.

No fragmento (4), conforme os moldes da *intertextualidade*, a voz central do texto evoca estatísticas, eleições anteriores e a questão da cota de gênero para tecer críticas à sub-representação da mulher na política partidária. Assim, a entrevistada assevera que existe apenas “uma” prefeita de capital, “duas” governadoras, “nenhuma” deputada federal do Maranhão e “18%” de mulheres no Parlamento Federal. Esses dados demonstram que o processo democrático de inclusão das mulheres na política é lento, sugerindo a manutenção de um sistema político patriarcal.

Flávia Alves também inicia e finaliza o trecho (4) enfatizando a cota de gênero (ou Lei das Eleições)⁶ como um “instrumento” que até viabiliza a presença feminina nos espaços de decisão política, mas ainda é insuficiente (“*tá só começando*”), tendo em vista os dispositivos

⁶ A cota de gênero na política brasileira refere-se à Lei das Eleições (Lei 9.504/97), a qual exige que partidos assegurem o mínimo de 30% e o máximo de 70% de candidaturas de cada sexo. Em decorrência de disformidades, em 2009, a Lei 12.034/2009 deu nova redação à política, tornando obrigatório o preenchimento do percentual mínimo de 30% para candidaturas femininas (Teodoro, 2020).

históricos e sociais que dificultam a plena ascensão da mulher no poder legislativo. Logo, são necessárias fiscalizações severas e ações reguladoras que, de fato, implementem a Lei das Eleições.

Além disso, o último período do trecho (4) sugere que a candidata à Prefeitura de São Luís é representada como uma agente de transformação (um exemplo) e que trabalha(rá) para deslegitimar práticas desempoderadoras inscritas sócio-historicamente na jornada das mulheres (*“Estar aqui hoje, abrindo portas, mostrando o que é possível, é uma das minhas missões”*).

No que diz respeito à *avaliação* marcada no trecho (4), a qual tece considerações sobre atitudes e valores, notamos a marca de *afirmações avaliativas* na passagem *“a cota de gênero já é um instrumento, mas ainda é algo que é muito... andamos em passos muito lentos”*. A conjunção adversativa “mas” demarca um contraste entre o reconhecimento positivo da cota de gênero como um avanço e a crítica à sua eficácia limitada. O uso do advérbio de intensidade “muito” e do adjetivo “lento” reforça um julgamento negativo, sugerindo que o progresso na inclusão de mulheres na política ocorre em um ritmo insatisfatório. Vale acentuar que esse processo de inserção político-social de mulheres pretas, indígenas e LGBTQ+ acontece de forma ainda mais tardia e assimétrica.

As *presunções valorativas* em (4), por seu turno, engatilham dizer que o apagamento da mulher na política ainda é uma realidade, mesmo com conquistas nas últimas décadas. Esse traço avaliativo é marcado na asserção *“18% só do Parlamento Federal”*. Aqui, o advérbio “só” minimiza o percentual, que já é baixo, indicando um valor insuficiente frente à igualdade de gênero almejada.

Por último, Flávia Alves declara que *“estar aqui hoje, abrindo portas, mostrando o que é possível, é uma das minhas missões”*. Essas escolhas lexicais marcam subjetivamente uma avaliação esperançosa da candidata em relação ao cenário político. Ao posicionar-se dessa maneira, Flávia projeta sua identificação nas práticas discursivas de forma categórica e ainda fortalece a luta pelos direitos das mulheres.

O excerto (5) articula discursos que dialogam com as questões de gênero, com a temática política e com desigualdades estruturais. Sendo assim, estes são os discursos articulados em (5): *discurso histórico, discurso sociocultural, discurso de coerção social, discurso de resistência* e o *discurso de transformação social*.

Nesse momento da entrevista (33 minutos e 28 segundos), a candidata Flávia Alves constrói uma representação discursiva que combina ainda mais elementos de luta pela emancipação feminina, críticas às estruturas patriarcais e a luta pela cidadania. Assim, ao afirmar que *“mulher tá livre pra escolher os seus candidatos há muito pouco tempo”*, Alves

lexicaliza um *discurso histórico*, o qual remonta à luta pelo sufrágio feminino, conquistado em 1932 e regulamentado em 1934, e à conquista de outros direitos políticos, como a opção legal de se divorciar a partir da Lei nº 6.515/1977, por exemplo.

Esse trecho também revela um posicionamento crítico da candidata sobre a tardia inclusão das mulheres nesse espaço de decisão pública, sugerindo que a liberdade (aqui atrelada à cidadania) ainda é incompleta devido a desigualdades e violências que persistem na jornada da mulher. Essa “construção histórica”, como a própria enunciadora coloca, denuncia uma narrativa de marginalização da mulher enquanto maioria demográfica que vive em condições pouco democráticas, como o texto induz afirmar. Por conseguinte, o discurso histórico é ressaltado, e também justificado, quando Alves argumenta o seguinte em (5): “*Então, é uma construção histórica. A gente chegou nesse espaço da sociedade é... marginalizada. A gente é uma maioria em quantidade que vive como minoria [...]*”.

Já o *discurso sociocultural* se relaciona diretamente à estrutura patriarcal e à subordinação feminina. Hoje, compreendemos que a identidade da mulher não se resume ao papel de mãe, esposa e dona de casa, assim como foi ditado durante séculos. De certo, o protagonismo feminino ampliou-se. No entanto, a exclusão e o silenciamento ainda perduram. Isso significa dizer que a luta das mulheres pela ocupação de espaços de poder na sociedade é diária. Levando isso em consideração, o trecho “*então, ainda existe aquele voto que é mais patriarcal*” sugere que há um poder estruturado histórica e socioculturalmente, isto é, o patriarcado, cuja hegemonia (re)define normas e comportamentos que restringem a liberdade e as escolhas (de voto) das mulheres.

A enunciadora dá continuidade ao seu pensamento afirmando que, caso a mulher não vote nos moldes arcaicos, “*a vida dela vai ser pior do que já está*”. Isso permite compreender que existem dinâmicas opressoras que se mantêm, seja de forma simbólica ou física, para coagir o voto feminino e, assim, retroceder as conquistas de direitos femininos. Tais dinâmicas reducionistas legitimam um *discurso de coerção social*.

Já o *discurso de resistência*, que também é articulado no trecho (2), é reiterado em (5) e salienta a árdua batalha da mulher em busca de empoderamento e representatividade feminina na sociedade como um todo e, sobretudo, na vida pública. Embora haja obstáculos, Flávia Alves utiliza a sua representação política e a de outras mulheres inseridas nas discussões públicas a título de motivação, identificação e pertencimento (“*[...] a gente vai tirando esses obstáculos com a minha presença nesse processo, com grandes mulheres aí representando no mundo o papel da mulher na política*”).

O último discurso destacado no excerto (5) é articulado na passagem “[...] *A gente só precisa mudar cada dia mais a forma, a autoestima da mulher e a liberdade da mulher. Não só pra ela votar bem, mas principalmente pra ela ter liberdade na sua vida em geral*”, caracterizando-se como um *discurso de transformação social*.

O desfecho na justificativa de Flávia do porquê mulher não vota em mulher coopera com o discurso de resistência em (2) e (5), visto que a entrevistada dissimula estratégias que devem ser fomentadas por políticas públicas no intuito de assegurar e reparar, por direito, a autonomia e a cidadania das mulheres. Embora Flávia Alves não tenha citado de que formas potencializar a liberdade das mulheres no bojo social, ressaltamos que a redução do analfabetismo feminino, o enfrentamento da violência contra a mulher, a garantia de saúde e segurança e a construção de creches em tempo integral tornam-se fatores determinantes na promoção de igualdade de gênero, independência e bem-estar feminino.

Ao chamar atenção para a categoria analítica *representação de atores sociais*, destacamos que, ao longo da passagem (5), Flávia Alves evoca representações da mulher na política, dando enfoque na marginalização desse grupo social e ainda sinaliza questões sociomateriais que culminam na subalternização feminina no campo político.

A enunciadora inclui as mulheres por *coletivização*, assimilando ideologicamente a identidade feminina para justificar que a ausência do voto de uma mulher em outra “é uma construção histórica”, é “patriarcal”. Isso explicita a necessidade de haver uma destraditionalização nas relações de gênero, ou seja, torna-se urgente descentralizar padrões hegemônicos de autoridade no intuito de alcançar uma significativa justiça social.

Além disso, Alves também realiza uma referência por *coletivização* ao optar pelo termo “a gente” (outras mulheres na política e ela). Tal escolha enfatiza a importância de uma representação política pluralista e democrática, suplantando o pressuposto de que sua representação, assim como a representação de outras mulheres, é um símbolo de mudança, resistência e de desnaturalização de papéis de gênero estereotipados e desiguais. Com isso, a entrevistada evoca uma imagem de luta coletiva contra o patriarcado e contra a construção histórica a que se refere ao longo do trecho (5).

A investigação do último fragmento (6) perpassa pelas categorias *modalidade e avaliação*. Assim sendo, partindo dos aspectos da modalidade, destacamos que o referido trecho apresenta realizações linguísticas que indicam obrigatoriedade e grau de comprometimento com o que é dito ser verdade. Não foram identificadas perguntas ou ofertas.

Já de início, a afirmação “[Eu] Não vou cansar de dizer que ser a única mulher não é simplesmente um discurso, é uma missão”, traz um uso enfático da modalidade *deôntica* (troca

de atividade), a qual é relacionada à necessidade e/ou obrigatoriedade. Essa modalização pode ser justificada a partir do uso do advérbio de negação “não” acompanhado do verbo “vou” (“ir” na 1ª pessoa do singular) e ainda é reiterada com a expressão “não é simplesmente um discurso”, o que certifica fortemente o compromisso e a autenticidade da candidata perante as questões sociais caso seja eleita prefeita.

A enunciadora realiza uma troca de conhecimento, sendo assim, reforça convicção em sua fala na passagem “*Eu estarei nele reverberando vozes*”. Aqui, o uso do verbo “estar” no futuro do presente (“estarei”) indica certeza e compromisso com a causa que defende, configurando uma modalidade *epistêmica*. Para além disso, essa modalização sugere que a atuação política de Flávia Alves será voltada à amplificação das vozes femininas, tendo em vista a situação de apagamento das mulheres na vida política e em outros meandros da sociedade. O excerto (6) também é caracterizado pelas modalidades *categórica* e *subjativa*, posto que Alves verbaliza asserções com alto grau de afinidade e/ou comprometimento com o discurso projetado.

Findando a análise de (6) com a *avaliação*, observamos que a candidata utiliza marcadores avaliativos como “a dor que eu sinto” e “essa dor eu sei sentir”, no objetivo de construir uma representação empática e emotiva de sua identidade política. A ênfase contínua no adjetivo “dor”, atrelado ao léxico utilizado para descrever sua vivência (“ser mãe”, “parir”, “ter pós-parto”, “voltar pro trabalho”), projeta sensibilidade e identificação por parte de outras mulheres (e, quiçá, homens), além de legitimar autoridade discursiva sobre as questões compartilhadas.

No mais, o verbo “vou” (“ir” na 1ª pessoa do singular), em “*Essa dor eu sei sentir e ela eu vou levar para cuidar das pessoas de São Luís*”, engatinha uma *afirmação avaliativa*. Desse modo, percebemos que Flávia Alves, explicitamente, reafirma sua empatia, responsabilidade e intenção de melhorar a vida do ludovicense a partir de políticas públicas, o que, certamente, confere-lhe um *ethos* sensível e transformador, podendo se destacar perante os demais prefeituráveis.

Com isso, verificamos que a entrevista de Flávia Alves constrói uma representação discursiva marcada pela reivindicação consciente de espaço político, sem dissociar a dimensão individual da coletiva. Ao mobilizar experiências pessoais e referências históricas, a candidata (re)afirma sua presença enquanto mulher na política partidária, bem como atua na manutenção da consciência crítica e da autonomia feminina, convocando outras mulheres a reconhecerem-se como sujeitos políticos ativos.

Esse movimento discursivo é interessante e necessário, pois se insere na luta contra dispositivos de gênero que historicamente estruturam relações de superioridade masculina, ao passo que redefine padrões dominantes de autoridade e legitimidade no campo político. Assim, fica claro que o posicionamento ideológico de Flávia no *podcast* “Abrindo o Verbo” contribui para desnaturalizar representações cristalizadas da política partidária no imaginário coletivo, (re)afirmando a participação feminina como prática legítima, necessária e transformadora, sobretudo em um cenário midiático no qual a visibilidade é distribuída de forma desigual.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos a análise discursivo-crítica da entrevista de Flávia Alves (Solidariedade) para o *podcast* “Abrindo o Verbo” no período das eleições de São Luís (MA), em 2024, para o cargo de Prefeito(a). Desse modo, a partir da base teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), traçamos o objetivo de contribuir para a formação de um posicionamento crítico do sujeito leitor/consumidor, uma vez que essa abordagem transdisciplinar preocupa-se com as situações assimétricas de poder, buscando apontar relações hegemônicas e manipuladoras veladas nos discursos.

As contribuições desta pesquisa para o campo dos estudos discursivos residem na demonstração de como práticas discursivas materializadas no gênero *podcast*, em contexto eleitoral, participam ativamente da (re)configuração simbólica da política e das identidades de gênero. Flávia Alves, ao estar em um espaço midiático de evidência, consegue performatizar discursivamente de um lugar político-feminino, o qual busca distanciar as mulheres de uma posição alienante e subserviente. Nessa perspectiva, a candidata tensiona dispositivos de gênero historicamente naturalizados, amplia as possibilidades de representação da mulher na política partidária e ainda sustenta a compreensão de que “a questão não é apenas ocupar os lugares relegados somente aos homens, mas também redefinir tais espaços e tarefas de acordo com as particularidades femininas” (Souza, 2016, p. 187).

Faz-se crucial enfatizar, ainda, que as análises empreendidas explicitam que as nuances discursivas proferidas por Flávia Alves no *podcast* transparecem desde a desestabilização de práticas machistas e patriarcais, até a quebra do silenciamento de vozes marginalizadas e a mobilização de resistência perante as estruturas sociais enraizadas na esfera sociopolítica. Desta maneira, o posicionamento discursivo da entrevistada, longe de ser neutro, materializa tensões

na esfera social, principalmente por envolver minorias, direitos civis e luta contra modelos de exclusão.

Por isso, enfatizamos a relevância de compreender o *podcast*, o qual é uma mídia relativamente nova, além de ser um espaço que o leitor consome e que não está isento de subjugação, discursos inflamados e vieses ideológicos tidos como inquestionáveis e dispostos a consolidarem-se. No contexto do “Abrindo o Verbo”, garantir ao cidadão-leitor uma escuta/leitura crítica e reflexiva da vida social contemporânea significa ampliar sua compreensão sobre os temas discutidos, bem como fomentar a transformação de sua realidade social e política.

Portanto, esperamos que este trabalho represente uma contribuição para pesquisadores que investigam o texto, que é uma produção socioculturalmente situada e que implica em valores, práticas, crenças, ideologias e identidades. Ainda esperamos que este estudo possa ser útil para o ensino de Língua Portuguesa no sentido de promover um letramento crítico que tenha como objetivo desconstruir ideologias socialmente cristalizadas e emancipar o cidadão-leitor.

Referências

ASSIS, Pablo. **O Imaginário do Áudio e o Podcast**: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens), Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BATISTA JR., José Ribamar; MELO, Iran Ferreira de; SATO, Denise Tamaê Borges (Orgs). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BESSA, Décio. **Charges eletrônicas das eleições 2006**: uma análise de discurso crítica. Brasília: UnB, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3032>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge. 2003. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FM, Mirante News. Eleições 2024: Abrindo o Verbo entrevista Flávia Alves (Solidariedade) / 04/09/2024. **YouTube**, 4 set. 2024. 1 hora, 1 minuto e 34 segundos. Disponível em: <https://youtu.be/8XkaHfgz1zo?si=t22qsA4ga9bjQ617>. Acesso em: 25 nov. 2024.

G1. Grupo Mirante define calendário de entrevistas com candidatos à Prefeitura de São Luís em 2024. **G1 MA**, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2024/noticia/2024/08/06/grupo-mirante-define-calendario-de-entrevistas-com-candidatos-a-prefeitura-de-sao-luis-em-2024.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Functional Grammar**. London: British Library Cataloguing in Publication Data, 1985.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução Ivone Castilho Benedetti, Bauru-SP: EDUSC, 2001.

LUIZA, Lara. Crescimento do mercado de Podcasts no Brasil: Um novo fenômeno de consumo digital. **Lab Notícias**. 04 dez. 2024. Disponível em: <https://labnoticias.jor.br/2024/12/04/crescimento-do-mercado-de-podcasts-no-brasil-um-novo-fenomeno-de-consumo-digital/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. SciELO-Editora UnB, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523013370>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: DIONISIO, A. P.; MARCUSCHI, L. A. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Ana Maria Sá. **Representações do feminino: uma análise discursiva dos perfis jornalísticos de O Estado do Maranhão**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2009.

ONG, Walter J. **Oralidade e escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução Luiz Costa Lima. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SOLIDARIEDADE. Perfil: Flávia Alves. **Solidariedade**, 2021. Disponível em: <https://solidariedade.org.br/perfil/flavia-alves/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SOUZA, Joseane Pereira de. Feminismo e política: uma introdução. [Resenha de: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Feminismo e política: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014]. **Veredas da História**, v. 9, n. 1, p. 184-191, 2016. DOI: <https://doi.org/10.9771/rvh.v9i1.48049>

Ramon de Almeida Miranda, Ana Maria Sá Martins. “Mulher vota em mulher, sim”: uma análise discursivo-crítica da entrevista de Flávia Alves (Solidariedade) ao podcast “Abrindo o Verbo”.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 117-145.

TEODORO, Rafael. Cotas de gênero em eleições proporcionais: como funcionam? **Politize!** 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/cotas-de-genero-em-eleicoes/?https://www.politize.com.br/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

Recebido em: 8 de agosto de 2025

Aceito em: 8 de dezembro de 2025